

“nada mais que amor”: 50 anos de contracultura¹

ana carolina arruda de toledo murgel

As datas “significativas”, marcadas às dezenas ou centenas no nosso calendário histórico, costumam escolher um evento específico – no caso da contracultura, o maio de 1968, quando os estudantes tomaram as ruas de Paris com palavras de ordem e relembrando, para alguns estudiosos, a Comuna de Paris, ocorrida no século XIX, pela utilização das barricadas como forma de resistência. Os dois movimentos são tão distantes e díspares quanto o marco temporal para se pensar a contracultura. Em seu livro *Contracultura através dos tempos*², Ken Goffman e Dan Joy apontam diversos momentos na história atravessados por essa resistência ética às normas e cultura vigente que denominamos contracultura.

Pensando o século XX, os dois momentos marcantes de resistência se deram após as duas grandes guerras como efeito de resistência aos atos considerados hediondos: nos anos de 1920 aos 30, pela crueldade e efeitos da Primeira Guerra, e a partir dos anos de 1950 até meados dos

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel é doutora em História Cultural, Pesquisadora Colaboradora do Departamento de História do IFCH/Unicamp. Contato: acmurgel@gmail.com.

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

anos de 1970, com o choque dos campos de extermínio nazistas na Segunda Guerra, a bomba de Hiroshima, a guerra fria e a invasão americana ao Vietnã, só para citar algumas causas. No entanto, nos anos seguintes a esses dois movimentos, as reações patriarcais³ foram violentas – nos anos 1930, com o fascismo e o nazismo e, atualmente, com um novo crescimento da extrema direita em várias partes do mundo ocidental, como podemos ver também em nosso país.

Se pensarmos em Paris nas primeiras décadas do século XX, é impressionante notarmos as vanguardas artísticas presentes na cidade. Para citarmos alguns nomes, acompanhando Goffman e Joy: Isadora Duncan, Anaïs Nin, Jean Cocteau, Joan Miró, Jean Paul Sartre, Lawrence da Arábia, Claude Monet, Pablo Picasso, F. Scott e Zelda Fitzgerald, e.e. cummings, André Breton, T.S. Eliot, Stéphane Mallarmé, Tristan Tzara, Salvador Dalí, Simone de Beauvoir, Samuel Becket, Leon Trotski, Igor Stravinski, Sarah Bernhardt, George Bataille, Gertrud Stein, Antonin Artaud, Paul Valery e Max Ernest, entre muitos outros. Não era só Paris, a literatura e a pintura traziam nomes de vanguarda em outras partes do ocidente, como Virginia Woolf, Remedios Varo, Leonora Carrington e Frida Kahlo, só para ficar em algumas das mulheres. No Brasil, temos a geração modernista (Anita Malfatti, Mário de Andrade, Pagu, Oswald de Andrade, Oneyda Alvarenga) e também Maria Lacerda de Moura, Gilka Machado entre muitos outros. Um período profícuo nas artes, que lembrando Deleuze, aponta os devires libertários de seu tempo.

Na Europa, a primeira guerra foi um choque para essa geração artística:

“A guerra foi uma chacina diferente de qualquer outra que a humanidade vira até então. Mais de oito milhões de pessoas foram mortas. Sem que houvesse claramente um agressor, a conflagração foi uma espécie de briga de bar em grande escala. As democracias da Europa e os Estados Unidos tentaram vendê-la como uma guerra para salvar a civilização. Mas o sentimento que se espalhou pela comunidade boêmia de Paris era exatamente o oposto. Muitos escritores e artistas viam a guerra como uma prova de que a civilização tinha fracassado, e que a doce razão postulada pelo Iluminismo servira apenas para amordaçar expressões do subconsciente (convenientemente descoberto por Freud meia década antes), que finalmente tinham irrompido com uma fúria vulcânica. Disciplinados psicóticos uniformizados marchando em longas filas retas sob a ordem de matarem e serem mortos tinham produzido um caos muito mais medonho do que os desordeiros artistas de Paris poderiam sequer imaginar ou, certamente, desejar. Se a lógica, a disciplina e o refinamento burguês tinham produzido aquela insanidade sangrenta, então a única saída era a irracionalidade, a desobediência e a provocação”⁴.

A reação à cultura dominante vem com o Dadaísmo e em seguida o Surrealismo (em 1922), mas é interessante notar que para os autores, os movimentos de contracultura desse período terminam quando explodem as vaidades pessoais de seus integrantes e as ideias identitárias – o que creio também ocorrer no próximo movimento de contracultura a partir dos anos de 1970.

Nos anos de 1930, confirmava-se a ascensão das extremas-direitas, com o fascismo na Itália, nazismo na Alemanha e, no Brasil, o integralismo.

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

É desnecessário lembrar os efeitos do mais indescritível horror que desemboca na Segunda Guerra e nas soluções de extermínio praticadas pelos nazistas, sem esquecer da carnificina também provocada pelos americanos com a bomba de Hiroshima e a tentativa de erradicação da esquerda americana no período Macarthista, nos anos de 1950. É possível, nesse período pós-Segunda Guerra, percebermos a reação de uma juventude que não via futuro para a humanidade ou para a civilização inicialmente com os *hipsters*, e logo em seguida com a geração *beat*, influenciada tanto pelo modo de vida *hipster* quanto pela música negra americana, especialmente o *bebop*, derivado do *jazz* e do *blues*:

“[A] contracultura que viria a ser dominada pelos filhos da classe média branca estava em grande parte enraizada nos estilos culturais e nas estratégias dos filhos afro-americanos dos escravos (...). No final do século XIX, o blues se espalhou, tornando-se uma linguagem folclórica popular em todas as comunidades rurais negras, e no início da década de 1910 se tornou conhecido da sociedade como um todo. O blues transmitia uma informação chocante para a cultura branca: o sexo estava de alguma forma ligado ao ritmo!”⁵

Não é por acaso que o *rock'n'roll*, nos anos de 1950, era considerado o mais “sexual” dos ritmos, lembrando a dança pélvica de Elvis Presley. E é um festival de rock, o Woodstock, em 1969, que marca definitivamente a contracultura americana, sem nos esquecermos, é claro, dos movimentos pelos Direitos Civis, o Feminismo e o Movimento Gay. Enquanto esses movimentos aconteciam nos EUA a partir dos anos de 1960, a juventude também questionava a civilização e as normas nos mais diversos

países do ocidente. Se na França o movimento é marcado pelo Maio de 1968, no Brasil seu marco definitivo é a Tropicália. O disco *Tropicália* saiu em 1968, com participação de Gal Costa, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Rogério Duprat, Torquato Neto, Os Mutantes, Capinam e Nara Leão, mas o movimento estourou mesmo em 1967, no III Festival da Música Popular Brasileira da Record, com “Alegria alegria” de Caetano Veloso e “Domingo no parque”, de Gilberto Gil (onde obtiveram o 4º e 2º lugar respectivamente). Os baianos tinham uma proposta de “som universal” que considerava que todos os sons produzidos pela humanidade eram válidos, assim como os instrumentos musicais, contrariando uma “patrulha ideológica musical” do período para quem o que vinha do “imperialismo” americano (incluindo as guitarras) não deveria nunca entrar na canção popular brasileira. A Tropicália rendeu muitas brigas entre as duas correntes e desfez algumas amizades, descritas detalhadamente no livro *Tropicália: a história de uma revolução musical*, de Carlos Calado⁶. É preciso, a respeito dessas discórdias, compreender que o Brasil vivia sob uma ferrenha ditadura militar, e foram precisos alguns anos para que aqueles que patrulharam a Tropicália compreendessem que se tratava sim de uma revolução – cultural, dos costumes, libertária. Os militares entenderam rápido, prendendo Gil e Caetano em dezembro de 1968 e banindo os dois alguns meses depois. Nem mesmo Geraldo Vandré, considerado como um dos grandes nomes da canção de protesto passou por isso.

Para a minha geração, nascida nos anos de 1960 e que cresceu durante a ditadura, já não havia divisões na canção popular, ouvíamos atentamente tanto Caetano e

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

Gil quanto Edu Lobo, Geraldo Vandré e Chico Buarque, amando os versos e buscando a resistência no silêncio assustador imposto pelo estado de exceção, uma geração preocupada tanto com os tempos sombrios e dolorosos quanto buscar a alegria herdada pela contracultura, com liberdade sexual, muita experimentação e criatividade – era a forma de resistirmos àqueles tempos, era respirar. Outros tempos sombrios vieram logo em seguida, nos anos de 1980, com a AIDS e o temor imposto por ela ao sexo livre, nos amigos que perdemos e choramos ainda muito jovens, assim como a geração nascida nos anos de 1940, que chorou os amigos perdidos ou torturados pela ditadura, também muito jovens.

Nos anos de 1980, Dany Cohn-Bendit, um dos expoentes do Maio de 68 francês, procurou pessoas ligadas à contracultura e às revoluções dos anos de 1960, querendo saber o que havia acontecido com elas anos depois⁷. Entrevistou Abbie Hoffmann (Anarquista/EUA), Jerry Rubin (Ativista/EUA), Bobby Seale (Panteras Negras/EUA), Roel Van Duyn e Rob Stolk (Provos/Holanda), Jean-Pierre Duteuil (França), Michel Chemin (França), Serge July (França), Gaby Cerone (França), Fernando Gabeira (Brasil), Alfredo Sirkis (Brasil), Jane Alpert (EUA) e Hans-Joachim Klein (Alemanha), entre outros. De alguma forma, quase todos continuavam militando de diferentes modos, mas era evidente a captura pelo capitalismo de Jerry Rubin. O antigo fundador do Partido Internacional da Juventude, *Yippies*, se transformou num empresário e investidor *Yuppie* fazendo propaganda para a American Express Card. Hoje, é impossível deixar de notar também a guinada à direita dada por Fernando Gabeira, que defendeu a intervenção militar no Rio de Janeiro pelo

governo Temer, relativizou a morte da socióloga e ativista Marielle Franco e se juntou para fotos e conversas com a pior escória da direita brasileira, responsável por boa parte das notícias falsas que inundaram a internet a partir do golpe de 2016 contra o governo de Dilma Rousseff, representada pelo MBL. Os sonhos envelheceram? O que mudou nesses 50 anos para estarmos em vários países do ocidente beirando novamente os fascismos?

Das diversas características da contracultura, podemos ressaltar algumas que evidentemente são herdadas do anarquismo ainda do século XIX: a ação comunitária, a generosidade, a contestação às hierarquias, o sexo livre e o anticapitalismo (e, por extensão, o anticonsumismo). Essas características se aproximam do conceito foucaultiano do *cuidado de si* ou de viver a vida como uma obra de arte. Em *História da Sexualidade I: A vontade de saber*,⁸ Foucault desvenda os sofisticados mecanismos de sujeição, de produção dos corpos pelos micropoderes disseminados pelo social. Num segundo momento, isto é, nos volumes II e III, *O uso dos prazeres*⁹ e *O cuidado de si*¹⁰, ele desloca a sua problemática, ao focalizar as práticas da liberdade que, no mundo contemporâneo, permitiriam escapar da normatividade e das capturas. É nesse momento de sua reflexão que ganham destaques os conceitos de *modos de subjetivação*, *artes da existência* e *cuidado de si*, por meio dos quais percebe a construção de outras subjetividades em nosso passado histórico. Vale lembrar que, para ele, as *técnicas de si*, com as quais os indivíduos podem se constituir autonomamente, devem ser compreendidas como “práticas refletidas e voluntárias através dos quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”¹¹.

Nessa direção, as “estéticas da existência” permitem pensar diferentemente a constituição de si e sua relação com o outro, visando à construção de uma subjetividade ética por meio de práticas do cuidado de si, “a elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal”¹². Foucault empresta este conceito da antiga civilização grega como forma de melhor compreender a contemporaneidade. O filósofo buscava entender o deslocamento na formação do indivíduo que substituiu as escolhas éticas por uma moral normativa que transformou as práticas que buscavam tornar um cidadão livre, autônomo em suas escolhas e em sua relação com o outro, no sujeito normatizado e constrangido da atualidade, construído no contexto de relações autoritárias aceitas como naturais. Ao mostrar que historicamente nem sempre foi assim, ele abre a possibilidade de pensarmos e buscarmos outras formas de existência. Foi provavelmente o que ocorreu após o momento da contracultura nos anos de 1960 – as capturas do tempo, do capital e também da tecnologia normatizaram, moralizaram e constrangeram os sonhos e as ideias de muitos dos jovens libertários do período, transformando a prática do *cuidado de si* em *culto de si*. Foucault explica a diferença entre as duas práticas:

“Temos um certo número de temas (...) que nos indica numa cultura para a qual devemos alguns dos nossos elementos morais constantes mais importantes, era uma prática de si, uma concepção de si, muito diferente de nossa atual cultura de si. No culto de si da Califórnia, devemos descobrir o verdadeiro si, separá-lo daquilo que deveria obscurecê-lo ou aliená-lo; decifrar o verdadeiro

reconhecimento à ciência psicológica ou psicanalítica, supostamente capazes de apontar o que é o verdadeiro eu. Portanto, não apenas identifico esta antiga cultura do si com aquilo que podemos chamar de culto californiano do si; eu acho que são diametralmente opostos. (...) O que aconteceu é precisamente uma inversão da cultura clássica do si. Isto ocorreu quando o cristianismo substituiu a ideia de um si ao qual deveríamos renunciar, pois ater-se a si mesmo era se opor ao desejo de Deus, pela ideia de um si que deveria ser criado como uma obra de arte”¹³.

O filósofo sugere que o *culto de si* californiano busca o entendimento de um “eu interior” que inexistia entre os gregos – é a partir da prática da confissão entre os cristãos, onde os desejos ainda não imaginados e os pensamentos mais velados devem ser alvo de escrutínio e confissão, que se constrói esse “eu” que deve conter uma verdade que desconhecemos. Mas é a partir da popularização da psicologia, psiquiatria e psicanálise que trocamos o padre pelo terapeuta: é essa pessoa que não nos conhece que vai nos ajudar a chegar a uma verdade sobre nós mesmos, ao nosso “âmago”. Sem querer ser injusta com os terapeutas, é preciso reconhecer que esse “eu mais profundo” é procurado também em várias práticas meditativas, na política e nas mais variadas religiões, no desejo de dar sentido à vida ao seguir um líder ou um pastor, ou seja, um portador externo de nossa “verdade interior”.

A busca por esse “eu interno” faz parte da tentativa de descobrir “o que somos”, ignorando a transitoriedade da vida e seus momentos, onde o “ser” reduz o indivíduo às suas aptidões “inatas” e à criação de identidades que o normatizam e restringem, como se cada momento da vida humana não se tratasse de uma construção.

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

A contracultura continuou ecoando após o maio de 68, nas mais diversas tribos que se formaram, nas trocas generosas de informação que se deram pela internet, que se a princípio era uma possível linha de fuga dos poderes estabelecidos, rapidamente transformou-se no maior instrumento de controle e captura de uma forma que sequer Huxley e Orwell imaginariam. Entregamos docilmente nossos dados, sonhos, desejos, localização e ideologia com apenas alguns cliques. Toda uma geração procurando viver uma felicidade fugaz baseada em *selfies* no Facebook, Instagram, Twitter e correlatos. Eventualmente aparece um desses antigos engenheiros que participaram das primeiras redes ou um Snowden para nos alertar do perigo, mas são solenemente ignorados. Porque se as resistências são linhas de fuga rizomáticas, o neoliberalismo, o fascismo e as linhas de captura também estão contidos no rizoma:

“Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-

se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada¹⁴.

Se houve a captura do movimento, é preciso lembrar, como afirmam Goffman e Joy que as contraculturas têm por especificidade a transitoriedade¹⁵.

Enquanto escrevo este artigo o fascismo nos ronda nas eleições presidenciais de 2018, e também durante a escrita recebo a notícia da morte minha querida amiga Luhli, compositora e cantora que viveu a contracultura profundamente nos anos de 1970, juntamente com Luíz Fernando, seu marido, e Lucina, parceira e companheira naqueles tempos. É autora de sucessos como “Vira” e “Fala” (ambas em parceria com João Ricardo), gravadas pelo grupo *Secos & Molhados*.

Luhli recusou a cola das identidades, e fez de sua vida uma obra de arte. E é com ela que termino esse artigo, na esperança de que novos momentos de contracultura, de negação das formatações do eu venham nos tirar da sombra que está nos envolvendo. Novos tempos em que o amor, a generosidade e os princípios libertários tragam luz e, outra vez, alegria, alegria!

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

O QUE FICOU - 1996¹⁶

(De Luhli para Lucina)

Foi muita droga, muita yoga, muita vertigem
foi muito verde, muito mar
muito banho de chuva
foi muito sonho e som
doía de tão bom
bobeira e bobagem
viagem no poder da flor
na nudez total nada mais que amor

tudo foi tanto, muito
e ainda é pouco
vamos ganhar o mundo
com o que ficou de ser louco

ficou um toque, um laço, um enfoque, uma telepatia
ficou certeza na alegria de quem sabe e cria
ficou você e eu
cada uma na sua no pescoço uma guia
o eterno no élan do céu
seja como for muito mais que amor

Notas

¹ Dedico este artigo com meu amor a Luhli Borges da Fonseca, falecida em 26 de setembro de 2018.

² Ken Goffman e Dan Joy. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Introdução de Timothy Leary. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro, Ediouro, 2007.

³ Aqui lembro o comentário que me fez a médica feminista Ana Regina Gomes dos Reis, de que o fascismo seria o “Viagra” do patriarcado contra a feminização da cultura, o que inclui não só as lutas feministas como as de todas as minorias.

⁴ Ken Goffman e Dan Joy. 2007, op. cit., p.252.

⁵ Idem, pp. 252 e 254.

⁶ Carlos Calado. *Tropicalia: a história de uma revolução musical*. São Paulo, Editora 34, 1997.

⁷ Dany Cohn-Bendit. *Nous l'avons tant aimée, la révolution*. Paris, Éditions Bernard Barrault, 1986.

⁸ Michel Foucault. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

⁹ Michel Foucault. *História da Sexualidade 2: O Uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 2001a.

¹⁰ Michel Foucault. *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

¹¹ Michel Foucault, 2001a, op.cit, p. 15.

¹² Cf. Michel Foucault. “Uma estética da existência”.in Manoel Barros da Motta (org.). *Ética, Sexualidade, Política – Ditos e Escritos, vol. V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004, pp. 288-293.

¹³ Paul Rabinow e Robert Dreyfus. *Foucault: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995, pp. 270-271.

¹⁴ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995, p. 18.

"Nada mais que amor": 50 anos de contracultura

¹⁵ Ken Goffman e Dan Joy, 2007, op. cit., p. 244.

¹⁶ "O que ficou" (de Luhli pra Lucina). Gravada por Lucina no CD *Canto de Árvore* (Independente, 2017). Disponível para audição em <https://www.youtube.com/watch?v=g2aBNsnOKrU> (Acesso em: 01/10/2018). Lucina conta a história da canção em <https://www.youtube.com/watch?v=Hq5sMrTb9cg>.

Resumo

O ano de 1968 é lembrado pelas manifestações contraculturais em diversos países do mundo, tendo como marco o maio francês. No Brasil, o período foi marcado, de um lado, pelo acirramento da ditadura militar com o AI-5 e, de outro, pela explosão da Tropicália. Este artigo analisa rupturas e continuidades dos movimentos contraculturais, indagando seus efeitos no tempo presente.

Palavras-chave: movimentos contraculturais, ditadura civil militar, tropicalia.

Abstract

The year of 1968 is remembered for the countercultural demonstrations in several countries of the world, having as a milestone May 68 in France. In Brazil, the period was marked, on the one hand, by the escalation of the military dictatorship with then AI-5 and, on another, by the explosion of Tropicalia. This article analyzes ruptures and continuities of the counter-cultural movements, investigating their effects in the present time.

Keywords: countercultural movements, civil-military dictatorship, tropicalia.

"Nothing more than love": 50 years of counterculture, Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel.

*Recebido para publicação em 30 de setembro de 2018.
Confirmado em 5 de outubro de 2018.*